



#Mariellepresente: é preciso inocular a luta da memória contra o esquecimento nas mídias★

Roberto Leiser Baronas**

Ligia Mara Boin Menossi de Araújo***

Resumo: Neste texto, temos como objetivo geral analisar discursivamente como a circulação da *hashtag* #Mariellepresente se configura como um discurso de resistência e de (re)ex(s)istência. Mais especificamente, buscamos analisar o funcionamento do enunciado composto pelo símbolo # na rede social *Instagram*, procurando analisar como esse enunciado passa a circular e, fassim, produzir sentidos em hipergêneros por meio de discursos de resistências e, sobretudo, de (re)ex(s)istência, palavra-valise que significa ao mesmo tempo resistir e reexistir. Nosso *corpus* é constituído por *posts* do *Instagram* que trazem a *hashtag* #Mariellepresente. Ancoramos nosso estudo nos recentes trabalhos de Marie-Anne Paveau (2017). Embora desejável, não realizamos uma análise muito exaustiva dos dados.

Palavras-chave: Discurso; *Hashtag*; *Instagram*.

Uma pequena nota prévia

...sobre o título

Como bons ladrões de palavras, tomamos o verbo “inocular”, presente no título deste artigo no sentido de propagar, espalhar, disseminar, de um texto de autoria da pesquisadora francesa Marlène Coulomb-Gully, intitulado “Inoculer le genre: le genre et les SHS – une méthodologie traversière”, publicado na *Revue Française des Sciences de l’Information et de la Communication*, em 2014. Nesse artigo, a pesquisadora francesa evoca a imagem de inocular para dizer da necessidade de quebrar a resistência que os estudiosos do discurso, da argumentação e das humanidades em geral têm no tocante a mobilizar em suas pesquisas a temática

DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2019.160190

★ Uma versão bastante modificada deste texto foi publicada no livro *Resistirmos, a que será que se destina?*, organizado por Lucília Maria Abrahão e Sousa; Adonai Takeshi Ishimoto; Elaine Pereira Daróz e Dantielli Assumpção Garcia e publicado pela Pedro & João Editores de São Carlos, SP, em dezembro de 2018.

** Docente do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Paulo, Brasil. Endereço para correspondência: { baronas@ufscar.br }. ORCID iD: { <https://orcid.org/0000-0003-0758-0370> }

*** Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Paulo, Brasil. Endereço para correspondência: { ligjame-nossi@gmail.com }. ORCID iD: { <https://orcid.org/0000-0003-2047-3019> }

do gênero e do feminismo. O artigo em sua íntegra pode ser acessado em <<https://journals.openedition.org/rfsic/837>>. Tal apropriação se justifica, pois, no nosso entendimento, ao fato de a grande mídia brasileira, em casos semelhantes aos dos assassinatos de Marielle e Anderson, optar quase sempre pelo esquecimento dos fatos. Esse tipo nefasto de prática midiática produz como um de seus efeitos a negação da política, isto é, o questionamento da legitimidade da própria política. Todo mundo passa a desacreditar a política em si como atividade organizadora de uma sociedade. Assim, segundo o pesquisador João Brant, em tese intitulada *A atuação das empresas de televisão como grupo de interesse: estratégias e táticas de pressão no caso da política de classificação indicativa*: “Isso [a negação da política] é fatal e afeta o funcionamento da democracia e não à toa nos levou a um quadro de negação do sistema político, o que é parte constituinte da eleição do Bolsonaro”. A esse respeito vale a pena ler a entrevista de Brant ao site Rede Brasil Atual: <<https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2019/03/o-lobby-das-empresas-de-tv>>.

... sobre as condições de (re)produção dos assassinatos de homens e mulheres negras no Brasil

Em 14 de março de 2018, a vereadora carioca, pelo Partido Socialismo e Liberdade - PSOL, Marielle Franco foi brutalmente assassinada¹, juntamente com o seu motorista, Anderson Gomes, depois de ter participado de uma reunião com jovens negras na Casa das Pretas, na Lapa, na cidade do Rio de Janeiro. Na prática, esses assassinatos, apesar da igualdade de condições prevista na Constituição e no Código Penal Brasileiro, se configuram como mais uma triste evidência que sustenta a tese de que no Brasil matar homens e mulheres negras é considerado um crime menor², se comparado com o assassinato de um homem branco e rico. As raízes desse grave problema estão no nosso passado e presente escravocrata. Sobre isso, de maneira contundente, nos diz o sociólogo brasileiro Jessé Souza (2017, p. 208):

¹ O assassinato de Marielle Franco, vereadora do Rio de Janeiro pelo PSOL e do seu motorista, Anderson Gomes, foi um crime praticado no dia 14 de março de 2018, no Estácio, região central da cidade. Os criminosos estavam em um carro que emparelhou com o da vereadora e de seu motorista e efetuaram vários disparos. Passado mais de um ano desde o trágico acontecimento ainda não se tem pistas concretas acerca das razões e da autoria do atentado. Depois de um sem número de manifestações de entidades que lutam pelos Direitos Humanos tanto no Brasil quanto em países estrangeiros pelo esclarecimento do caso, em 21 de fevereiro passado a Procuradora Geral da República, Raquel Dodge, solicitou que a Polícia Federal passasse a investigar possíveis tentativas de policiais civis e federais cariocas de atrapalhar as investigações sobre os brutais assassinatos de Marielle e Anderson. A íntegra sobre essa operação da PF pode ser acessada em <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/02/21/em-investigacao-sobre-o-caso-marielle-pf-vai-a-enderecos-de-policiais.ghtml>>

² Atual Ministra de Direitos Humanos do Governo de Jair Bolsonaro, Damares Alves, ao ser interpellada por jornalistas em coletiva de imprensa, após o seu discurso na ONU, no dia 25 de fevereiro passado, justificou a decisão de não fazer referência ao assassinato de Marielle e Anderson dizendo: “Por que citar tão somente Marielle?”. Essa fala da Ministra Damares deixa claro o descaso do atual governo brasileiro e por extensão de boa parcela da população, que comunga dos mesmos valores desse governo, em relação a um crime que chocou toda a humanidade. A íntegra da notícia pode ser acessada em <<https://jamilchade.blogosfera.uol.com.br/2019/02/25/por-que-citar-tao-somente-o-caso-marielle-questiona-damares/?cmpid>>

Atribuiu-se muitas de nossas características à dita herança portuguesa [o patrimonialismo], mas não havia escravidão em Portugal. Somos, nós brasileiros, portanto filhos de um ambiente escravocrata, que cria um tipo de família específico, uma Justiça específica [em que o que conta é o poder do capital econômico], uma economia específica. Aqui valia tomar a terra dos outros à força para acumular capital como acontece até hoje, e condenar os mais frágeis ao abandono e à humilhação cotidiana. Isso é herança escravocrata e não portuguesa. O patrimonialismo, percebido como herança portuguesa, substitui a escravidão como núcleo explicativo de nossa formação. Essa é sua função real. Por conta disso, até hoje, reproduzimos padrões de sociabilidade escravagistas, como exclusão social massiva, violência indiscriminada contra os pobres, chacinas contra os pobres indefesos que são comemoradas pela população, etc.

Com efeito, embora a Princesa Isabel tenha promulgado a Lei Aurea em 13 de maio de 1888, que supostamente aboliu a escravidão no Brasil, ainda não deixamos de explorar e conseqüentemente de matar homens e mulheres negras. Para comprovar empiricamente o que estamos asseverando, basta dar uma rápida espiada nas estatísticas. Segundo o Atlas da Violência³ publicado pelo IPEA em 2017, só no ano de 2016, de cada quatro mortes por assassinato no Brasil, três foram de negros e pardos. Em contrapartida, os que se declaram brancos foram vítimas em 25% dos casos. Para além de muito relevantes do ponto de vista quantitativo, esses dados nos mostram o quanto somos intolerantes e letais com a diferença, especialmente em relação à cor das pessoas, embora nos autodesignemos como um país não racista. Para nós, os racistas são sempre os outros: os norte-americanos, os alemães, os italianos...

Enquanto os culpados não forem definitivamente encontrados, fica difícil dizer das razões que levaram ao assassinato da vereadora e de seu motorista. Todavia, é possível dizer que Marielle não foi morta somente por ser mulher e negra, como o foram milhares de brasileiras, desde a institucionalização da escravidão em solo brasileiro, mas por ter ousado colocar o seu mandato de vereadora para mostrar especialmente para os jovens, que vivem marginalizados em comunidades das periferias, com oportunidades mínimas de ascensão social, o quanto eles são vítimas do poder letal das milícias cariocas.

Introdução

A notícia da execução de Marielle e de Anderson tão logo se espalhou na *web*, apesar de diversas manifestações repudiando e algumas até legitimando tal execução⁴, engendrou a circulação da *hashtag* de resistência #Mariellevive. Dias depois, essa *hashtag* foi substituída ou dividiu o espaço virtual com outra, a #Mariellepresente, que chegou a ter nos primeiros dias após os assassinatos mais de 103.555 mil publicações.

³ A íntegra desse documento pode ser acessada em <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/2/atlas-2017>

⁴ Referimo-nos aqui aos posts caluniosos publicados em suas redes (anti)sociais pelo deputado federal Alberto Fraga (DEM-DF) e pela desembargadora Marília Castro Neves, do TJ-RJ (Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro), afirmando que a culpa pela morte da vereadora e de seu motorista é da própria Marielle, pois ela “estava engajada com bandidos” e era “um cadáver tão comum quanto qualquer outro”.

Neste artigo, temos como objetivo geral analisar como a circulação da *hashtag* #Mariellepresente se configura como um discurso de resistência e de (re)ex(s)istência. Mais especificamente, buscamos analisar o funcionamento discursivo do enunciado composto pelo símbolo # na rede social *Instagram*, analisando como esse enunciado passa a circular e, assim, produzir sentidos em hipergêneros por meio de discursos de resistências e, sobretudo, de (re)ex(s)istência, palavra-valise que significa ao mesmo tempo resistir e reexistir. Nosso *corpus* é constituído por *posts* do *Instagram* que trazem a *hashtag* #Mariellepresente. Ancoramos nosso estudo nos recentes trabalhos de Marie-Anne Paveau (2017).

Cumpramos destacar que o presente trabalho se inscreve numa epistemologia discursiva, a dos estudos discursivos de linha francesa, que não separa o discurso científico da posição política dos autores, de seus posicionamentos subjetivos, demandando sempre que a pesquisa científica seja sustentada num movimento de batimento por um mirante político e por um ponto de vista teórico, sem os quais o trabalho de investigação se torna inválido.

A hashtag: um enunciado que emerge na Web e se espalha em diferentes práticas e plataformas discursivas

Em um de seus livros mais recentes, intitulado *L'Analyse du Discours Numérique: dictionnaire des formes et des pratiques* (2017), Marie-Anne Paveau trata do discurso digital em seus diferentes aspectos. O livro, uma espécie de dicionário, composto por trinta e dois verbetes, precedidos por um texto de apresentação, não objetiva propor um vocabulário exaustivo, mas, a partir de palavras-chave (*Algorithme; Tweet; Hashtag*, etc., e outras elaboradas pela própria autora *Techno-genre de discours; Mémoire technodiscursive...*), busca mostrar a pertinência e a fecundidade heurística desses conceitos para a análise do discurso digital.

Nesse livro, a pesquisadora francesa parte do pressuposto de que não se pode analisar o funcionamento do discurso da *web* da mesma maneira que os discursivistas e estudiosos da linguagem em geral têm apreendido habitualmente os outros tipos de discurso. Para ela, os especialistas da linguagem têm dificuldade de levar em conta a dimensão técnica da *web*, integrada a sua natureza languageira devido à programação de computadores que estrutura os mundos digitais; eles permanecem logocentrados, isto é, centrados somente na matéria languageira (Paveau, 2017, p. 27, trad. nossa)⁵. A autora afirma ainda que para apreender o funcionamento do discurso da *web* é preciso fazer uma conversão epistemológica, isto é, passar de uma concepção estritamente sistêmica ou funcionalista da linguística para uma concepção mais compósita da língua e do discurso – simétrica – com base em um *continuum* em que não haja a separação radical entre o que é da ordem do linguístico e o que é da ordem do extralinguístico, isto é, do uso, do contexto e, no caso da *web*, da sua dimensão técnica. Essa linguística simétrica “coloca em questão a distinção entre linguístico e extralinguístico, apoiando-se

⁵ “[...] peinent à prendre en compte leur dimension technique, intégrée à leur nature langagière du fait de la programmation informatique qui structure les univers numériques; ils restent logocentrés, c’est-à-dire axés sur la seule matière langagière.” (Paveau, 2017, p. 27)

em um *continuum* que é posto como objeto de análise, e não mais apenas na matéria linguageira” (Paveau, 2017, p. 28. trad. nossa)⁶. Com efeito, não se trata, para a autora, de entender o campo das ciências da linguagem e, mais precisamente, a análise do discurso a partir de novos *corpora*, mas de levar em conta as especificidades dos novos objetos que emergem com o desenvolvimento da *web*.

Em um dos capítulos, a autora discute sobre a questão das *hashtags*, em especial, aquelas que circulam na rede social Twitter⁷. É possível entender a *hashtag* como um “segmento de linguagem precedido do sinal #” (Paveau, 2017, p. 197) que foi utilizada primeiramente na rede de *microblogging* Twitter, adaptada ao Facebook⁸ e também ao Instagram.

Neste trabalho, analisamos o seu funcionamento discursivo no Instagram que, assim como o Twitter e o Facebook, é uma rede social, porém não se configura somente como um perfil pessoal no qual é possível encontrar características muito particulares e rotineiras dos seus usuários e também não se pretende ao compartilhamento de frases e enunciados com 280 caracteres. No Instagram, é possível compartilhar predominantemente fotos e vídeos que podem passar por filtros digitais nele mesmo e em diversas redes sociais. No Instagram, no Twitter e em outras redes sociais a *hashtag* seguida de uma ou mais palavras abriga um *link* inserido manualmente na legenda da foto ou do vídeo publicado, esse *link* permite o acesso a uma série de postagens que contenham a mesma *hashtag*. Assim, a *hashtag* é uma convenção da *Web*, que tem uma função social, ou seja, permite que se socialize uma postagem com outros usuários da rede social, como em um encontro de grupos. Se, por exemplo, um usuário quer buscar outros que compartilhem da sua mesma ideia, a *hashtag* permite essa investigação.

Cabe salientar que, segundo Paveau (2017), o sinal # não apareceu no Twitter, trata-se de um símbolo numérico anglo-americano que é também utilizado na linguagem de programação. No Twitter, o uso da *hashtag* é proposto em 2007 por Chris Messina, que descreveu o uso em notas no *blog Factoryjoe.com*, “Grupos no Twitter, ou a Proposta para o Twitter Tag Channels” (2007⁹ *apud* Paveau, 2017).

Ainda nas proposições de Paveau (2017), encontramos a afirmativa de Axel Bruns e Jeans Burgess (2013¹⁰ *apud* Paveau, 2017) que salientam que a *hashtag* permite a criação de um canal mais do que um grupo, pois está conectada com outras proposições dentro do próprio Twitter para formar grupos de internautas

⁶ “[...] remet en cause la distinction entre linguistique et extralinguistique en posant un continuum qui est posé comme objet pour l’analyse, et non plus les seules matières langagières [...]” (Paveau, 2017, p. 28).

⁷ O Twitter é uma rede social e um *microblogging* criado em 2006 que permite aos seus usuários enviar e receber atualizações de seus contatos em textos de até 280 caracteres, conhecidos como *tweets*.

⁸ Facebook, rede social criada em 2014, é a mais utilizada em todo mundo, é gratuita e está disponível em forma de aplicativos para smartphones assim como o Twitter e o Instagram.

⁹ MESSINA, CRHIS. Groups for Twitter; or a Proposal for Twitter Tag Channels. Factory City. Blog. Disponível em: <<http://factoryjoe.com/blog/2007/08/25/groups-for-twitter-tag-channels/>>.

¹⁰ BRUNS, Axel; BURGUESS, Jeans. The use of Twitter hashtag in the formation of ad hoc public. 6th European for Consortiun of Political Research General Conference, University of Iceland, Reykjavik, 2011. Disponível em: <<http://eprints.qut.edu.au/46515/>>.

baseados em relações e interesses comuns. Assim, mais do que grupos, as *hashtags* podem criar canais exclusivos desses usuários que seriam “formas endêmicas de participação discursiva” (Paveau, 2017, p.198).

A partir da invenção de Chris Messina, os usuários da *hashtag* foram aumentando tanto no Twitter quanto no Instagram e no Facebook, por isso, a *hashtag* passou a ser vista como um elemento familiar da paisagem gráfica e digital contemporânea. De modo que elas passaram a funcionar e ser encontradas *off-line* em um contexto onde não é possível clicar, em uma mensagem eletrônica, um texto, em alguns *sites*, onde elas estão integradas linguisticamente nos enunciados sem a sua funcionalidade hipertextual. Com efeito, a *hashtag* é muito difundida na imprensa escrita, na publicidade e até mesmo nas produções textuais dos jovens estudantes. Ademais, ela já entrou no discurso oral sob a forma de uma apositiva em empregos como: “hashtag indecente”, “hashtag não importa o que”, “hashtag só que não”, por exemplo, que constituem os comentários metadiscursivos sobre aquilo que foi ou será dito; muitas vezes, o sinal cruzado é imitado com os dedos como se faz com as aspas na fala cotidiana.

A *hashtag* é uma tecnopalavra¹¹ porque ela abriga uma natureza compósita, pois há a presença do segmento linguístico que pode ser clicado, há um fio que liga a toda uma rede de outras postagens e quando criamos uma *hashtag* também estamos permitindo a criação de uma rede. No Instagram, ela pode vir como legenda (figura 1) ou após a legenda (figura 2) como observamos nos exemplos:

Figura 1: Publicação de um perfil da rede social Instagram mariellevivesmp do dia 26 de abril de 2018.



Fonte: MARIELLEVIVESMP (@mariellevivesmp). 26 abr. 2018. *Post* do Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BiDqUZbn9DJ/>

¹¹ No texto original: technomot.

Figura 2: Publicação de um perfil da rede social Instagram deboraqueiroz65 do dia 19 de maio de 2018.



Fonte: DEBORAQUEIROZ65 (@deboraqueiroz65). 19 maio 2018. Disponível em:
<<https://www.instagram.com/p/Bi9SorJHBB1/>>

De maneira geral, é possível considerar que todo e qualquer enunciado de curta extensão pode se tornar uma *hashtag*, alguns para divulgação, humor, política e, nos tempos atuais, as *hashtags* de protesto, inconformidade crescem em virtude de os internautas intuitivamente saberem o poder de circulação e alcance dos discursos da *Web*. Assim, são produzidos por meio desse recurso fios como objetos de uma redocumentação, operação tecnodiscursiva articulada à investigabilidade do discurso, que pode ser a recuperação de postagens, ideias dentro de um novo documento por meio dos traços gerados automaticamente e seguindo a interação dos usuários (Paveau, 2017).

Há também usos da *hashtag* ligados a expressões das emoções e a modalização dos enunciados, tais como: #chateado, #sqn, #amomuitotudoisso, #love, #foratemer, #lulalivre, é possível também usar onomatopeias: #vish, #grr, #pff. Além disso, é comum encontrarmos *hashtags* que compõem o todo do *post* e/ou da legenda inserida. Ela atua, então, como uma informação complementar, entre expressão da emoção e da modalização enunciativa, o que enriquece a postagem como modo de expressar sentimentos e a subjetividade enunciativa.

Outra questão que surge está relacionada às *hashtags* mais polêmicas como, por exemplo, as preconceituosas ou sexistas, o que dá margem ao que observamos como a guerra das *hashtags*. Marie Anne Paveau (2017) cita como exemplo as eleições para presidente de 2017 na França em que os opositores a Emmanuel Macron lançaram #JamaisMacron. Seus partidários mudaram o *slogan* no início

da frase para: #Jamais Macron n'a été convoqué devant la Justice, ou ainda, #Jamais Macron n'a hérité d'un parti politique, il a créé le sien. No Brasil, seria possível pensar no #foradilma *versus* #ficadilma, #lulalivre *versus* #lulapresojá, ou mesmo a #EleNão, que, para além de se transformar num rastilho de pólvora na internet, virou o mote para o chamamento de dezenas de milhares de pessoas em ato liderado só por mulheres contra a candidatura de Jair Bolsonaro, ocorrido no Largo da Batata, em São Paulo, em 29 de setembro de 2018¹². Essas batalhas de *hashtags* mostram que as conversações digitais nas redes sociais e seu poder podem desestabilizar alguns sentidos e desencadear diferentes formações em diferentes espaços da *Web* por meio das chamadas formas tecnolinguageiras.

Uma breve análise

Marie-Anne Paveau (2017) aponta que a *hashtag* pode estar relacionada estritamente ao contexto de produção, assim podemos estabelecer uma relação com o momento histórico, em que a *hashtag* #Mariellepresente nasce, por um lado, como um protesto, a premência por se encontrar e punir os culpados pelo brutal assassinato da vereadora Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes, mas, por outro lado, como uma tentativa de gestão da memória acerca do papel político que Marielle representa na luta pela igualdade de direitos das pessoas invisibilizadas, sobretudo as que moram nas comunidades mais pobres da cidade do Rio de Janeiro.

A imagem a seguir, fotografia de um cartaz, exposto por um cidadão, durante a sessão solene da Câmara dos Deputados, em Brasília, realizada em 15 de março passado, em homenagem a Marielle Franco, nos dá um bom exemplo dessa dupla condição de emergência da *hashtag* em análise (cf. Figura 3).

No cartaz em questão, o fundo em cor preta significa o protesto, a necessidade premente de que os culpados pela morte de Marielle sejam encontrados e punidos e o conseqüente luto pelo assassinato da vereadora, e o enunciado “Marielle presente, hoje e sempre!”, grafado em letras brancas, afixado em uma haste com uma flor de girassol, para além de clamar pela paz, significa a luta dos cidadãos para que o legado da vereadora em prol dos sujeitos invisíveis não se perca. Para além de essa fotografia representar uma evidência histórica¹³, ela é a possibilidade mesmo de se tentar gerir a história, a memória, ou seja, há uma clara tentativa de construção de um percurso de sentidos, de uma acontecimentalização discursiva para que, apesar da morte física de Marielle, o seu legado em prol dos invisíveis não se apague.

Com efeito, o cartaz em questão por não se tratar *a priori* de um enunciado tecnolinguageiro, embora tenha circulado como tal, depois da sua irrupção na

¹² Embora esse evento na Capital Paulista, o #EleNão, tenha sido de longe a maior manifestação realizada durante as eleições presidenciais de 2018, reunindo dezenas de milhares de pessoas, sua repercussão na mídia televisiva foi pífia. A esse respeito vale a pena ler o texto de José Roberto de Toledo, publicado na revista Piauí: <https://piaui.folha.uol.com.br/um-protesto-historico-menos-na-teve/>

¹³ Expressão utilizada por Peter Burke em seu livro “Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica”, publicado pela Edunesp em 2017, para defender a necessidade de se tomar também imagens e não apenas os documentos históricos como uma forma de evidência, uma espécie de testemunha ocular da história.

Figura 3: Cartaz de protesto, exposto por um cidadão brasileiro, durante sessão solene da Câmara dos Deputados, em Brasília, em homenagem a Marielle Franco.

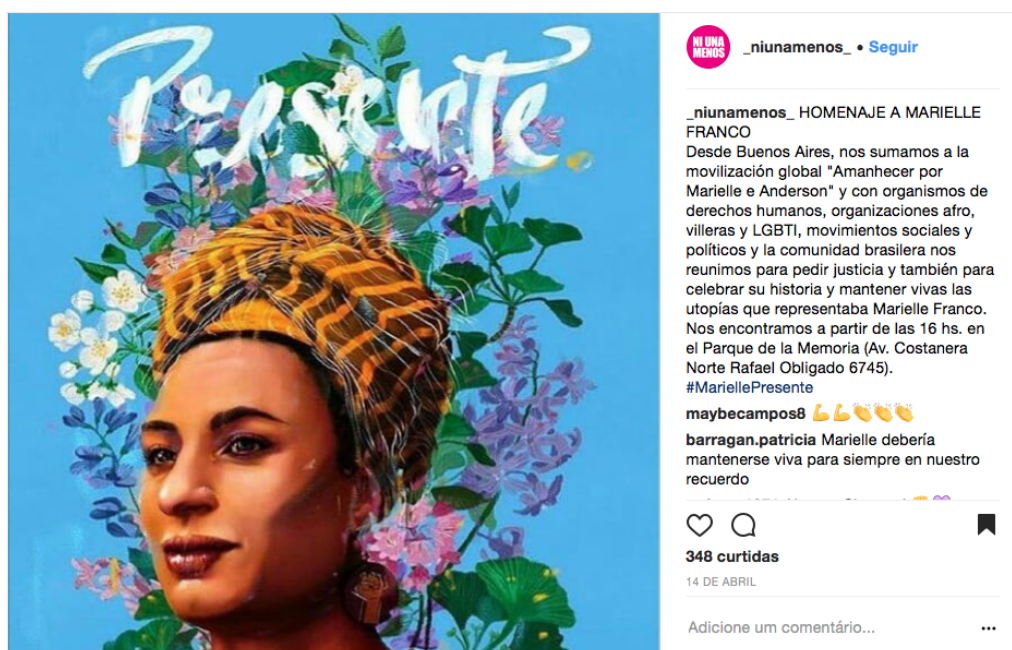


Fonte: <https://www.poder360.com.br/congresso/vereadora-marielle-franco-e-homenageada-em-sessao-da-camara>

sessão da Câmara dos Deputados, é substituído pela *hashtag*, cuja função diferentemente do primeiro não é simplesmente polemizar, trata-se de um segmento tecnolinguageiro que age como uma verdade argumentativa nos discursos digitais militantes (Paveau, 2017, p. 206). A produção então de #Mariellepresente e suas derivações, tais como: #Mariellelive, #somostodosMarielleFranco, seria, segundo Paveau (2017), um ato tecnodiscursivo que possibilita tanto a criação de um fio *redocumentável*, assim como busca inserir uma *hashtag*, produzindo metadados performativos no seio do processo de uma ação tecnodiscursiva que modifica o ambiente digital; ela, então, contribui para a *tecnocorsacionalização* da própria rede. Como se pode ver na imagem a seguir publicada inicialmente em Buenos Aires, na Argentina (cf. Figura 4).

Contudo, para além e aquém de criar um fio *redocumentável*, assim como produzir metadados performativos no seio do processo de uma ação tecnodiscursiva, que modifica o ambiente digital, a *hashtag* em questão se apresenta como um percurso de (re)ex(s)istência da memória de Marielle Franco. O excerto, publicado em espanhol, ao lado da imagem de Marielle: “... *para celebrar su historia y mantener vivas las utopias que representaba Marielle Franco*” é um ótimo indício de um ferrenho litígio pela memória. Com efeito, trata-se de uma renhida luta pela gestão dessa memória para que efetivamente, apesar da sua morte física, o legado de lutas de Marielle se mantenha bastante vivo. Nesse caminho, o perfil

Figura 4: Homenagem a Marielle Franco, ilustração de Feppa Rodrigues.



Fonte: <https://www.instagram.com/_niunamenos/>

do Instagram do coletivo de mulheres argentinas Niunaamenos¹⁴ que, em linhas gerais, busca organizar protestos contra a violência de gênero, publica o *post* composto da imagem mais a legenda; contudo, encerra a legenda inserindo a *hashtag* #MariellePresente, fato que permitirá que o *post* seja visto por internautas que tanto estejam seguindo o seu perfil quanto por aqueles que estejam seguindo a *hashtag*, o que possibilita maior visibilidade e fluidez na circulação de um *post* de (re)existência em prol de uma causa maior para o coletivo que é a vida das mulheres.

A imagem a seguir, uma chamada para um ato em defesa de tudo o que a vereadora representa, realizado em frente à Câmara de Vereadores de São Luís do Maranhão, no dia 15 de março último, assinado pelo Fórum Maranhense de Mulheres, também é outro bom indício da luta pela memória discursiva.

É preciso considerar, no entanto, que a imagem precedente traz um novo elemento discursivo, uma vez que ao ressignificar o enunciado Marielle Presente na *hashtag* #SomosTodasMarielle, há uma identificação entre as mulheres ligadas ao Fórum Maranhense de Mulheres e, por uma relação metonímica com todas as mulheres brasileiras e a própria Marielle e essa identificação se dando a partir de uma convergência de lutas: “Vamos levantar a bandeira de @marielle_franco, que também é nossa: não se admitirá o Estado de Exceção”. Cabe acrescentar que diferentemente do *post* anterior (figura 04) que foi publicado por um coletivo de mulheres, a figura 06 tem como autor um perfil comercial O Guarani Hostel, fato que corrobora a ideia de que a *hashtag* não está vinculada somente a grupos e coletivos de protesto, mas, pode surgir e passar a circular nos mais diferentes perfis e espaços.

¹⁴ Mais informações estão disponíveis em: <<https://niunamenos.com.ar/>>.

Figura 5: Cartaz do Ato #SomosTodasMarielle convocado pelo Fórum Maranhense de Mulheres, realizado em 15/03/2018.



Fonte: <<https://twitter.com/hashtag/somostodasmarielle>>

Ainda não estudado por Paveau em seu verbete sobre a *hashtag*, tem-se aqui um fenômeno discursivo bastante interessante de uma convergência discursiva de diferentes *hashtags* #somostodosmarielle; #naointervençãomilitar; #estadodeexceção, em que a *hashtag* #MariellePresente funciona como uma espécie de grande guarda-chuva, ou *metahashatag* das prementes reivindicações nacionais. Com efeito, a partir deste último dado, é possível dizer que a *hashtag* (especialmente as que buscam reivindicar alguma coisa) funciona discursivamente não somente numa relação metafórica, como propõe Paveau (2017), isto é, a *hashtag* não somente traduz uma demanda interligando todos os que se veem representados por essa demanda, mas especialmente numa relação metonímica, capaz de condensar num único enunciado toda uma série de lutas de diferentes grupos sociais, ou seja, a *hashtag* pode se apresentar em contiguidade reivindicatória com demandas e sujeitos que são muito díspares.

Considerações finais

Os dados brevemente analisados mostram que não podemos analisar as novas textualidades, que circulam no virtual, da mesma maneira como analisamos as textualidades que circulam em plataformas mais tradicionais, um cartaz de protesto impresso ou um sermão bíblico, por exemplo. Para tal, é preciso compreender as especificidades dessas novas textualidades, seus hipergêneros, cenografias constitutivas e os elementos tecnodiscursivos que as compõem. É preciso também compreender que essas novas textualidades, como a *hashtag*, por exemplo, para além de se constituírem como uma ação tecnodiscursiva, que modifica o ambiente digital, podem se constituir, como é o caso da *hashtag* #MariellePresente, como

uma tentativa de gestão da memória discursiva, que busca incessantemente fazer com que sentidos gestados alhures, independentemente, em outro lugar, como diria Michel Pêcheux, (re)ex(s)istam mesmo que os atores envolvidos no engendramento desses sentidos tenham sido sumariamente executados e os *mídiuns* e os atores sociais que dirigem esses *mídiuns* tentem a todo custo silenciar tais sentidos.

Uma pergunta pertinente que se coloca em relação à gestão da memória por parte da *hashtag* em análise é em que medida essa tecnopalavra gerencia a memória discursiva de maneira diferente de uma fórmula ou de uma pequena frase, por exemplo. Seria por conta da circulação? Ou seria por conta da velocidade? Entendemos que tanto a circulação da *hashtag* quanto a sua velocidade são condições de possibilidade importantes para a gestão da memória discursiva. No entanto, diferentemente de uma fórmula, ou mesmo de uma pequena frase, que a rigor não se enquadram na categoria de tecnopalavras, visto que elas não permitem, a partir de um simples clique, a criação imediata de uma rede e também a constituição de um tecnografismo, isto é, “uma produção semiótica que associa texto e imagem num compósito que é constitutivo da internet” (Paveau, 2017, p. 305), possibilitando que a *hashtag* se apresente como um elemento importante da argumentação do militantismo digital, que coloca em contiguidade reivindicatória demandas e sujeitos que são muito díspares¹⁵.

Por fim, essa luta pela (re)ex(s)istência de Marielle na *web*, metonomizada no enunciado #MariellePresente¹⁶, nos faz (re)lembrar o bom e velho Milan Kundera em seu ensaio *O livro do riso e do esquecimento* (1978), justamente na passagem em que a personagem Mikek nos diz: *a luta do homem contra o poder é a luta da memória contra o esquecimento* (grifo nosso). ●

Referências

BURQUE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*.

¹⁵ Já mencionado, na nota 16, outro bom exemplo dessa contiguidade reivindicatória com demandas e sujeitos que são muito díspares engendradas pelas hashtags é a hashtag #EleNão, que conseguiu mobilizar centenas de milhares de pessoas nas principais cidades brasileiras num único dia (29/09/2018). Apesar de os participantes, predominantemente mulheres, mas não só, se unirem contra Bolsonaro, as suas demandas eram das mais diversas naturezas.

¹⁶ Enquanto realizávamos as últimas correções neste texto, solicitadas pelos editores deste número da Revista *Estudos Semióticos*, começaram a circular na web notícias sobre a prisão de dois suspeitos, que teriam cometido os assassinatos de Marielle e Anderson. De acordo com a nota divulgada pelo Ministério Público do Rio de Janeiro, um dos presos é o policial militar reformado Ronnie Lessa. Ele é suspeito de disparar a arma que matou a vereadora e seu motorista, Anderson Gomes. O segundo suspeito preso foi o ex-policial militar Élcio Vieira de Queiroz. Ele estaria dirigindo o carro quando os tiros foram disparados. Os assassinatos continuam sem solução, entre outras perguntas que permanecem sem resposta, não se sabe quem são os mandantes e nem quais são as razões para tal atentado. No entanto, a prisão desses suspeitos em 12 de março último (2019), faltando dois dias para os assassinatos completarem um ano, é um argumento consistente de que a gestão da memória pela (re)ex(s)istência de Marielle, sintetizada na tecnopalavra #MariellePresente, além de ter amplificado a voz da vereadora, fazendo o seu legado de lutas em prol dos invisíveis ecoar pelos mais distintos lugares – apesar dos abafamentos, da placa de rua com o nome de Marielle ter sido quebrada, em comício no Rio de Janeiro e exposta como troféu em gabinete de deputado –, busca fazer com que a memória histórica, mesmo com eclipses, irrompa e produza efeitos de sentidos de outra ordem: não mais a de uma única voz sem nome, mas as vozes estridentes de um coletivo.

Tradução Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo: Editora da UNESP, 2017.

KUNDERA, Milan. *O livro do riso e do esquecimento*. Rev. da trad. Paula Maria Rosas. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1978.

PAVEAU, Marie-Anne. *L'Analyse du Discours Numérique*. Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann Éditeurs, 2017. 400p.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

#Mariellepresente. Instagram. Disponível em: <www.instagram.com/explore/tags/mariellepresente/>. Acesso em 25 maio 2018.

Dados para indexação em língua estrangeira

Baronas, Roberto Leiser; Araújo, Ligia Mara Boin Menossi de
#Mariellepresente: it's necessary to inoculate "The memory's
fight against forgetfulness" on media

Estudos Semióticos, Special issue "Political discourse in the
contemporaneity: theoretical and analytical challenges"

vol. 15, n. 1, (2019)

ISSN 1980-4016

Abstract: *In this work, we aim to think over how the promulgation of the hashtag #Mariellepresente is characterized as a discourse of resistance and (re)ex(s)ist(a)ence. More specifically, we sought to reflect over how the functioning of enunciation composed by the # symbol on Instagram social network behaves, aiming to analyze how such enunciation disseminates and, thus, produces meanings on hypergenders through discourses of resistances and, above all, (re)ex(s)ist(a)ence, mot-valise that means to resist and to re-exist at the same time. Our corpus is constituted by Instagram posts that contain the hashtag #Mariellepresente. We used the recent studies by Marie-Anne Paveau (2017) as foundations. Although desirable, the analysis made over our data was shallow.*

Keywords: *Discourse; Hashtag; Instagram.*

Como citar este artigo

Baronas, Roberto Leiser; Araújo, Ligia Mara Boin Menossi de. #Mariellepresente: é preciso inocular a luta da memória contra o esquecimento nas mídias. *Estudos Semióticos* [online]. Dossiê temático "Discursos políticos na contemporaneidade: desafios teóricos e analíticos". Volume 15, n. 1. Editores convidados: Oriana N. Fulaneti e Alexandre Marcelo Bueno. São Paulo, agosto de 2019, p. 18-30. Disponível em: (www.revistas.usp.br/esse). Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento: 20/02/2019

Data de aprovação: 26/03/2019
